

ESTUDO SOBRE A ESTRUTURA FÍSICA E ORGANIZAÇÃO DAS CLÍNICAS VETERINÁRIAS DE PELOTAS/RS NO ATENDIMENTO EMERGENCIAL E DE URGÊNCIA DE CÃES E GATOS

MARIANA TIMM KROLOW¹; DÉBORA MATILDE DE ALMEIDA²; SÉRGIO JORGE³; MÁRCIA DE OLIVEIRA NOBRE⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – krolow.mariana@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – deby.almeida@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – sergiojorgevet@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – marciaonobre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A intensificação da convivência entre os animais e o ser humano promoveu mudanças na relação historicamente bem estabelecida, de modo que, atualmente, cães e gatos são considerados verdadeiros membros do núcleo familiar (BARKER; WOLEN, 2008). Como uma das consequências, há uma maior preocupação dos tutores com a saúde, qualidade de vida e longevidade de seus pets. Além disso, observa-se um aumento da demanda por um atendimento rápido, efetivo e especializado em situações de emergência e urgência.

Visando um atendimento ideal ao paciente que necessita de atendimento emergencial, há uma maior necessidade de implementação de padronizações ou protocolos de organização que sejam de conhecimento geral por parte da equipe tanto no que tange à conduta, aos equipamentos, instalações, bem como às medicações comumente utilizadas na emergência (RABELO, 2013). Dessa forma, o objetivo do presente trabalho foi avaliar as estruturas físicas, a organização dos equipamentos, medicações e ambientes utilizados no atendimento emergencial de cães e gatos nas clínicas veterinárias no município de Pelotas (RS).

2. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, foi realizado um levantamento de todas as clínicas veterinárias presentes na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. A partir de contato telefônico direto e através de mídias sociais, o médico veterinário proprietário ou responsável pelo local foi convidado a responder um formulário online disponível através da plataforma Google Forms.

Foi elaborado um questionário fechado e estruturado contendo 15 questões de múltipla escolha e de seleção livre. As perguntas abordavam aspectos como a frequência e presença de um local destinado ao atendimento emergencial e de urgência dos pacientes. Em relação à organização, os médicos veterinários foram questionados se o estabelecimento dispunha de carrinho ou mesa auxiliar móvel e, caso não, se havia uma bancada fixa na qual os materiais utilizados durante a emergência poderiam ser facilmente localizados e se estes estavam organizados de modo padronizado. Além disso, havia uma questão sobre os fármacos bem como os materiais a fim de que o participante respondesse qual destes encontrava rapidamente. Por fim, também foram elaboradas perguntas sobre a disponibilidade de equipamentos utilizados geralmente na rotina emergencial, como Doppler, cardioversor, entre outros.

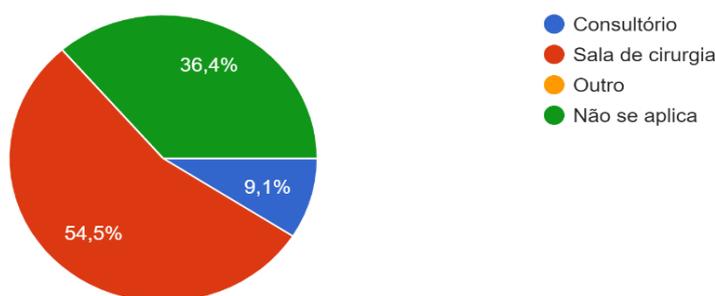
As respostas foram coletadas durante um período de quinze dias, entre os meses de junho e julho de 2021. Os dados obtidos foram analisados por membros do ClinPet, grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Clínica de Pequenos Animais da Universidade Federal de Pelotas, e, posteriormente, processados em tabelas e gráficos por meio do programa Microsoft Office Excel.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao total, 33 clínicas veterinárias foram incluídas no levantamento, sendo que três destas não foi conseguido contato, 19 não retornaram ou optaram em não participar, portanto, 11 clínicas veterinárias participaram deste estudo. Considerando o perfil dos estabelecimentos abordados, foi observado que 81,4% realiza atendimentos emergenciais na rotina. Esse dado reflete a expansão dos conceitos relacionados à medicina veterinária intensivista, decorrente da maior preocupação dos médicos veterinários com o atendimento de pacientes em estado grave e o resultado disso em termos de sobrevivência (KUNZLER, 2014).

Em relação ao local de atendimento de emergências, dois (18,2%) estabelecimentos possuem uma sala específica para este fim, sendo constatado que a maioria das emergências são abordadas no bloco cirúrgico (54,5%) (Gráfico 1). Em algumas situações, o atendimento de emergência pode ser realizado no consultório, ou até mesmo no bloco cirúrgico, já que é possível otimizar alguns equipamentos destas áreas para os atendimentos emergenciais. Entretanto, não é incomum que estes dois ambientes estejam ocupados, principalmente em clínicas veterinárias de grande rotina. Dessa forma, é sugerido que a sala de emergência seja próxima à recepção, permitindo uma comunicação facilitada entre o veterinário, o recepcionista e o tutor, bem como um fácil acesso e proximidade aos setores de cirurgia e imagem, quando possível (RABELO, 2013).

Gráfico 1 – Locais onde são atendidas as emergências nos estabelecimentos veterinários de Pelotas

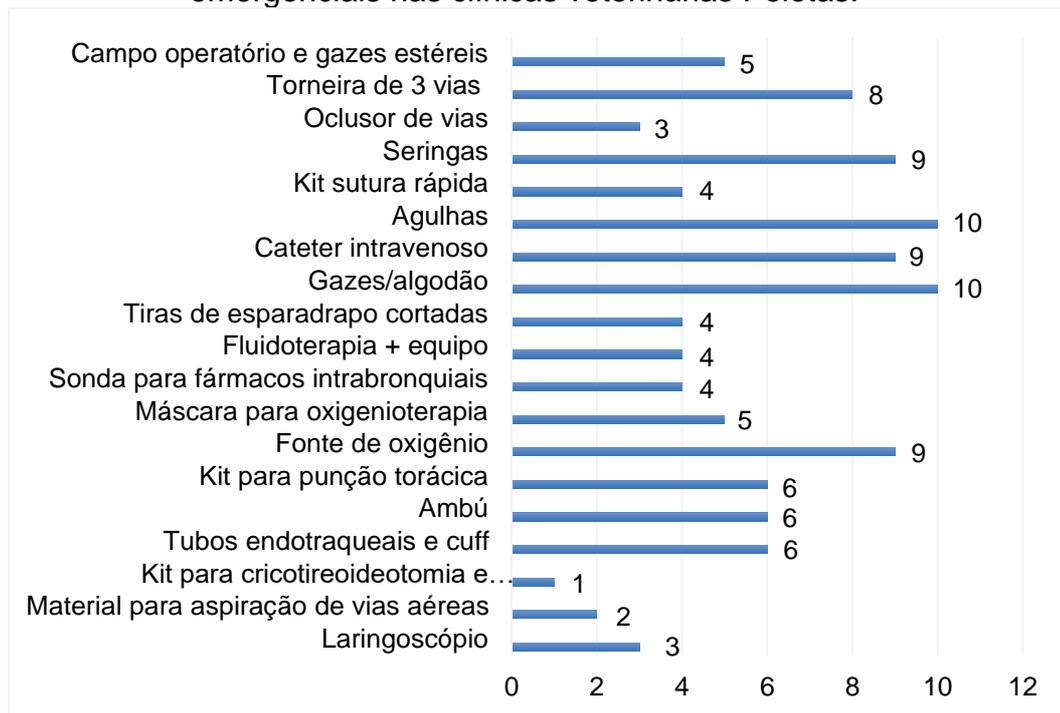


As pequenas “estações de emergência”, representadas por “carrinhos móveis” são equipamentos facilitadores de atendimento em casos de complicações relacionadas ao estado de saúde do animal (RABELO, 2013). Neste contexto, identificou-se que uma (9,1%) clínica veterinária possui carrinho móvel. No entanto, as demais (90,9%) dispõem de bancadas fixas, também possibilitando que os equipamentos e materiais necessários sejam encontrados com agilidade.

A organização baseada no protocolo ABC (*airways, breathing, circulation*) reflete uma sequência de ações que é amplamente utilizada em situações

emergenciais tanto na medicina humana quanto na veterinária (AGUIAR, 2011). Caso a adoção deste não seja possível, sugere-se que um protocolo bem estruturado e de conhecimento geral da equipe seja implementado, como ocorre em 27,3% das clínicas. Considerando a organização, em todas as clínicas veterinárias os equipamentos e materiais associados às emergências encontraram-se organizados, porém em 45,4% não é definido um padrão para isso. Ademais, em 45,5% das clínicas os materiais são revisados quando estão em falta no setor.

Gráfico 2. Frequência dos principais equipamentos de atendimentos emergenciais nas clínicas veterinárias Pelotas.



Em se tratando especificamente dos materiais utilizados nos atendimentos emergenciais, itens como ambú, fonte de oxigênio, tubos endotraqueais, cateter intravenoso, agulhas hipodérmicas, entre outros são encontrados de forma imediata em mais de 60% das clínicas pesquisadas (Gráfico 2). Além disso, equipamentos como estetoscópio, termômetro e monitor multiparamétrico também estão frequentemente presentes. É importante que qualquer material ou equipamento utilizado em situações emergenciais esteja facilmente acessível a fim de evitar que algumas abordagens sejam prejudicadas pela perda de tempo. Por exemplo, o rápido acesso e bom uso do laringoscópio permite avaliar a permeabilidade das vias aéreas através da escala de Comark-Lehane e determinar o suporte respiratório mais adequado ao paciente (AGUIAR, 2011).

Os demais resultados indicam que equipamentos como cardioversores ou desfibriladores estão presentes em 9,1% das clínicas veterinárias abordadas e muitos veterinários (81,9%) pretendem adquiri-los, dentro das possibilidades. O uso destes equipamentos baseia-se em uma liberação de intensas descargas elétricas, objetivando a despolarização das estruturas que compõem o músculo cardíaco, possibilitando a estabilização do ritmo do órgão (LABRUINE; GOUVEIA, 1995).

Considerando as medicações necessárias no atendimento emergencial, observou-se que os estabelecimentos dispõem dos principais fármacos necessários para uso imediato, como adrenalina, indispensável na reanimação cardiopulmonar, benzodiazepínicos em caso de animais em *status epilepticus* e medicamentos para controle de dor. Tal situação reflete um cenário positivo, uma vez que a falta de medicações pode aumentar as chances de óbito do paciente (MCMICHAEL et al., 2012; SILVA, 2016).

4. CONCLUSÕES

Por fim, identificou-se que os atendimentos de urgência e emergência fazem parte da rotina de atendimento das clínicas veterinárias de Pelotas. Os atendimentos emergenciais estão cada vez mais especializados na medicina veterinária, em virtude da necessidade de oferecer uma abordagem efetiva aos pacientes que precisam de atenção imediata. Nesse sentido, é essencial difundir o tema na comunidade acadêmica e entre os profissionais, para que os cães e gatos recebam, cada vez mais, um atendimento emergencial dinâmico e eficiente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, E.S.V. **Emergências decorrentes do trauma em pequenos animais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

BARKER, S.B.; WOLEN, A.R. The benefits of human-companion animal interaction: a review. **Journal of Veterinary Medical Education**. v. 35, n.4, 2008.

KUNZLER, K.C. **Estruturação de um serviço de emergência veterinária**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LABRUINE, G.M.; GOUVEIA, M.A.; Disritmias cardíacas, Cardioversão e Desfibrilação. **Revista Brasileira de Anestesiologia**, v. 45, n.1, 1995.

MCMICHAEL, M.; HERRING, J.; FLETCHER, D.J.; BOLLER, M. RECOVER evidence and knowledge gap analysis on veterinary CPR. Part 2: Preparedness and prevention. **Journal ou Veterinary Emergency and Critical Care**, v. 22, n.1, p. 13-25, 2012.

RABELO, R.C. **Emergências de pequenos animais: condutas clínicas e cirúrgicas no paciente grave**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

SILVA, A.R.S. **Emergências em animais de companhia – Bases da abordagem ao animal em estado crítico**. 2016. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.